

Negociação "dura e prolongada", prevê Nogueira Batista

por Guilherme Barros
de Brasília

Os resultados conhecidos, até agora, da viagem do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, aos Estados Unidos e à Europa já eram previstos pelo governo, segundo o assessor para assuntos da dívida externa do Ministério da Fazenda, Paulo Nogueira Batista Júnior. De acordo com ele, quando se decidiu, em 20 de fevereiro, decretar unilateralmente a suspensão do pagamento dos juros da dívida, "nós sabíamos que teríamos pela frente uma negociação dura e prolongada com os credores".

Nogueira Batista admitiu, no entanto, que havia um otimismo maior, na equipe da Fazenda, quando Funaro deixou o Brasil. Isto porque, explicou, os primeiros dias após a suspensão do pagamento dos juros transcorreram muito bem, "ao contrário do que pensavam os catastrofistas". As dificuldades que ocorreram, disse, foram muito poucas, "apenas algumas escaramuças".

O assessor da Fazenda afirmou que, pelas notícias que ele tem, até o momento, os resultados foram muito positivos na Alemanha e na França, enquanto, nos Estados Unidos e na Inglaterra "eram previsíveis". Ele comentou que a recomendação da Inglaterra, de o Brasil recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI), já era esperada por vir do gover-

no que está sendo conduzido pela primeira-ministra Margaret Thatcher.

Sobre o fato de o ministro Funaro não ter apresentado uma proposta concreta para a negociação da dívida aos governos dos países credores, Nogueira Batista assegurou que ela já está pronta, mas só será divulgada na mesa de negociação com os bancos credores.

Nogueira Batista comentou, ainda, que a aceleração dos processos de acordo de dívida dos outros países devedores latino-americanos (Chile, Venezuela, México e Argentina) também já era prevista pelo governo. "Esses países pegaram uma carona na decisão do Brasil." Ele disse que o Brasil não pretendia uma negociação em bloco da dívida externa. "O nosso interesse é acertar um programa absolutamente necessário para a negociação da nossa dívida externa", afirmou.

O assessor do Ministério da Fazenda refuta as afirmações de que a suspensão do pagamento dos juros era a única saída para o País.

Segundo ele, todos esquecem que havia a alternativa de se recorrer ao FMI para a obtenção de empréstimos-ponte e financiamentos involuntários dos bancos credores, "mas o presidente José Sarney preferiu tomar uma alternativa que preserve a autonomia nacional e mantenha o crescimento econômico".